

O JAPONÊS NA LITERATURA DE CORDEL

Joseph M. Luyten

(Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo)

INTRODUÇÃO

Hoje em dia, a Literatura Popular em Verso também conhecida como Literatura de Cordel, está presente em todas as partes do país e nas mais diversas camadas sociais. Embora ela não se desvincule de suas bases de comunicação popular, está sendo usada para veicular uma série de mensagens, geralmente aquelas que encerram conteúdos de cunho nacionalista (1).

Esse fato não é de se estranhar, pois, sabemos muito bem, várias nações conseguiram reerguer-se em torno de valores tradicionalistas de teor folclórico (2). Assim por exemplo, os últimos anos do império colonial português e toda a acensão do movimento nazista na Alemanha, se iniciou em torno dos valores da mais antiga tradição germânica. Não foi em vão que Richard Wagner foi escolhido como o seu intérprete ideal. Também no Japão, a própria modernização, a partir da Era Meiji, se deu justamente levando-se em consideração valores tradicionais que tinham sido relegados a segundo plano no caótico período Tokugawa (3).

No Brasil, estamos vendo toda uma minoria racial (na realidade, maioria) se reunir em torno de um dos maiores heróis populares do país, o Zumbi, e que hoje está sendo reabilitado.

É somente no folclore que nós podemos encontrar raízes e possibilidades de identidade cultural de indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social. No caso brasileiro, vamos verificar um dos maiores fenômenos em todo o mundo no que se refere a modalidade de comunicação popular.

Uma das razões disso é o fato de encontrarmos, até os nossos dias, uma grande massa populacional marginalizada em todos os sentidos dos benefícios da civilização. Essas pessoas têm uma longa tradição de desconhecimento, desprezo e espoliação da parte das elites.

É lógico que essas camadas subdesenvolvidas, analfabetas ou quase, desnutridas e com altos índices de doenças endêmicas têm, como todo o ser

humano, necessidade de se comunicar. Por várias razões históricas, elas se utilizam, entre outros, de sistemas de transmissão de informações que eram muito comuns na Idade Média européia (4). Em outras palavras, temos, até hoje, centenas de cantadores e poetas que, exatamente como os menestréis e jograis, informam as populações marginalizadas, rurais e periféricas, de tudo o que lhes possa interessar. São poesias cantadas que obedecem a certas regras de métrica e melodia. Em alguns casos, alguém registra essas cantorias ou escreve diretamente o que tem a dizer e, assim, temos os folhetos de cordel, assim chamados porque em Portugal costumavam aparecer nas feiras, pendurados em barbantes.

É impossível avaliarmos a produção oral da poesia popular. Existem aproximadamente, dois mil poetas populares vivos no Brasil, cantando regularmente, muitas vezes, noites a dentro. Acreditamos que talvez um por cento em relação a essa produção oral apareça em forma escrita. Mesmo assim, essa parte impressa impressiona pela quantidade, se levarmos em conta a edição de jornais e livros no Brasil. (Por exemplo, toda a produção jornalística do Brasil ultrapassa, ligeiramente, o número de um milhão, ao passo que no Japão, um só jornal, o *Asashi Shinbun*, edita quase quinze milhões de exemplares por dia. Quanto a livros, um escritor brasileiro pode considerar-se bem sucedido quando sua obra ultrapassa os 20.000 volumes vendidos. E, obviamente, isso nunca acontece com trabalhos poéticos eruditos).

A poesia popular, que começou a ser editada a partir de 1980, segundo os cálculos mais pessimistas, ultrapassa os 30.000 títulos. Além disso, algumas edições têm tiragem impressionante. Na época da morte de Getúlio Vargas, foram vendidos mais de um milhão de exemplares a respeito, de diversos autores. Um dos mais antigos poetas de cordel, Leandro Gomes de Barros, tem várias obras, entre as quais *O Cachorro dos Mortos*, que continuam sendo editadas e já venderam mais de um milhão de exemplares. O maior poeta vivo da Bahia, Rodolfo Coelho Calvalcante, já escreveu mais de mil livretos e um deles, *A Filha que Bateu na Mãe e Virou Cachorra*, já vendeu mais de 1.500.000 exemplares, está na 43ª edição e possibilitou, inclusive, a compra da residência do poeta.

A VISÃO DO JAPONÊS PELA LITERATURA DE CORDEL

Podemos considerar a Literatura de Cordel como o Jornal do Povo, embora trate de todos os assuntos que possam interessar à população marginalizada do sistema. Assim temos: a) desafio, porfias poéticas entre dois cantadores; b) histórias relacionadas com religião, ritos e cerimônias, como Padre Cícero, Frei Damião etc; c) banditismo (Lampião, Antonio Silvino etc.); d) fato locais; e) pornografia (geralmente histórias ligeiramente eróticas); f) temas da literatura e história universal.

Praticamente, todos os assuntos já foram tratados em forma de livretos de cordel. Sempre, é claro, sob o ponto de vista popular. Apesar da grande variedade dos poetas, cada um com sua ideologia e forma de ver as coisas, podemos afirmar que, no geral, aquilo que é publicado em cordel tem respaldo popular. O poeta é, assim, um porta-voz do povo para o qual escreve e do qual tira a cosmovisão.

É exatamente quanto a este aspecto que nos surpreendemos ao lermos, nos diversos livretos que tratam de japoneses, um forte sentimento antinipônico ou de simples desprezo. Existe nas elites brasileiras um pensamento generalizado de respeito e de admiração pelos japoneses e seus descendentes. Eles constituem minoria étnica com grande penetração nos meios culturais, financeiros e políticos do país. Embora possam haver dísticos agressivos como o da classe estudantil de São Paulo ("Para entrar na Universidade, estude no cursinho tal e mate um japonês") isso não passa de forma de mau gosto de se expressar admiração pelos estudantes de origem nipônica. Se a única forma do estudante brasileiro (e aqui não entramos no mérito de quem realmente pode se chamar de brasileiro) entrar na universidade é eliminando fisicamente um "japonês", é porque reconhece que de outra forma (estudando, por exemplo) ele não conseguiria competir com o nissei.

No ambiente popular, no entanto, não há uma só referência favorável ao elemento nipônico. Seria apressado dizer que o povo brasileiro não gosta de japoneses. Mas, por outro lado, por que não encontramos nenhuma referência positiva, já que o Cordel se encontra hoje praticamente em todo o Território Nacional? A partir de uma coleção de 6.000 folhetos, conseguimos reunir seis folhetos que tratam de algum aspecto ligado ao japonês. Três são de Belém do Pará e três de São Paulo, justamente onde se encontram as colônias nipônicas mais expressivas.

Os de Belém são: *O -Japão vai se estrepar*, de Zé Vicente, escrito em 20.12.41. *O Brasil rompeu com eles*, do mesmo autor, publicado em 6.2.42 e *As escrituras e a Guerra Atual*, de Apolinário de Souza, escrito em 23.4.42.

De São Paulo temos: *Impressões de uma viagem ou História de uma dupla infernal*, anônimo, junho de 1976, *O Japonês que ficou roxo pela mulata*, de Maxado Nordestino (Franklin Maxado), outubro de 1976 e *A Light deu a luz e o Brasil pagou o parto*, de Rafael de Carvalho, 1979.

Como vemos, dois dentre os folhetos de Belém são do mesmo autor, Zé Vicente, cujo nome verdadeiro era Lindolfo Mesquita, advogado conhecido e que chegou a ser desembargador. As informações que veicu-

lava eram visivelmente coletadas em periódicos brasileiros e não nos é possível verificar com exatidão até que ponto Zé Vicente escrevia suas próprias opiniões a respeito dos japoneses ou simplesmente passava adiante aquilo que lia nos jornais. Só podemos constatar que suas acusações aos nipônicos eram muito mais ferrenhas do que contra alemães e italianos em outras obras suas. Além disso, a Editora Guajarina, que publicava seus trabalhos, possuía vasta e bem organizada rede de distribuição em toda a Amazônia e, desta maneira, a penetração de suas palavras pode ser considerada decisiva no meio popular.

O historiador Tsuguo Koyama (ver *A presença japonesa no Brasil*, Hiroshi Saito, org.), referindo-se aos japoneses de Acará, depois Tomé-Açu, localizada nas cercanias de Belém do Pará, afirma:

“Os contatos com os brasileiros estavam limitados ao mínimo indispensável, devido às dificuldades da língua e ao ambiente hostil que existia durante a guerra.E, assim, a marca da integração sócio-cultural dos imigrantes estava praticamente na estaca zero ao término da guerra.”

Essa colônia tinha sido iniciada em 1929, chegou a ter 2.104 habitantes e, em 1945, possuía cerca de 60 famílias empobrecidas e isoladas.

Não podemos, em absoluto, dizer que livretos como os de Zé Vicente foram a causa dessa antipatia popular contra o elemento japonês no Pará, mas certamente muito ajudaram na consolidação de preconceitos da parte da população. Mais certamente, ainda, eles expressaram o sentimento generalizado do povo paraense.

Vamos mostrar algumas partes dos folhetos que contêm falácias *ad hominem*. Não nos interessam, aqui, ideologias contra a política japonesa da época.

Em *O Japão vai se estrepar*, lemos versos como:

Japonês só come arroz
não póde ter robustez.
Mas a raça americana
é dura e vale por três.
Nós comemos espinafre
pra derrubar japonês.

.

Japonês mora em casinha
de tala de miriti.

O fuzil dele vomita
é bala de assaí.
Os olhos do japonês
são feitos no tipiti.

.....

O que vale o Japonês
é ter um gênio de bicho:
Rasga a barriga de faca
para cumprir um capricho.
Quando termina uma luta
fica no chão feito lixo.

Japonês planta verdura,
do tomate faz repolho;
d'água suja da maré
de repente faz um molho,

mas nas unhas do chinês
Japonês se vê zarolho.
Japonês é muito feio,
tem a carinha de gia.
Se vires um japonês
desse bicho desconfia.
Os olhos dele parecem
semente de melancia.

A língua do japonês
faz bicho correr no mato.
Quando ele está conversando
faz um chiado de rato.
Só sabe fazer brinquedo
de imitação e barato.

É perigoso espião
quando penetra um país..
Finge que vende sorvete
para ouvir o que se diz.
Quando há um terremoto
ele escapa por um triz.

Nessas observações todas, feitas para reforçar o que o autor deve ter lido nos jornais da época (1941), vemos que há certo conhecimento do elemento nipônico, embora apenas para denegrí-lo. Na primeira estrofe, vemos até alegoria ao herói das HQ americanas, o Popeye, pois, se os paraenses da época não comiam arroz muito menos iriam consumir espinafre.

Podemos notar a aversão pelos legumes da parte do brasileiro na quarta estrofe.

No entanto nessas acusações todas, há certas constatações positivas: o japonês planta, o japonês inova métodos de plantio (do tomate faz repolho, isto é, aumenta o tamanho), o japonês inova métodos industriais (vende sorvete, em 1941, em Belém do Pará). Isso tudo, porém, é muito pouco para o autor e chega a ser usado para consolidar sentimentos etnocêntricos, juntamente aos de racismo branco, com certeza veiculados pela imprensa brasileira da época, que tinha como exclusiva fonte de informações as agências internacionais de notícias (5).

Na obra *O Brasil rompeu com eles*, o japonês é citado quatro vezes como gente traiçoeira que merece pagar pela sua falsidade.

No folheto *As escrituras e a Guerra atual*, de Apolinário de Souza (23.4.1942), o autor coloca todos os personagens da Bíblia contra o Eixo. No mesmo folheto, há ainda um poema chamado *Quinta Coluna*, em que aparece aquilo que podemos chamar de “grande promoção” do colono japonês do Pará.

Na tentativa de identificar os elementos subversivos infiltrados na população brasileira, o autor explica:

Já tens visto generais
disfarçados em horteleiros,
não viste há pouco um doutor
cultivando os tomateiros?
Pois assim o “Quinta coluna”
anda entre os bons brasileiros.

Nos anos subsequentes, com o *boom* da pimenta do reino, que passou a ser uma das glórias do Estado do Pará, parece que se arrefeceram os ânimos contra o colono japonês, pois nunca mais a literatura popular paraense se manifestou contra o elemento nipônico.

A LITERATURA POPULAR DE SÃO PAULO

Podemos compreender, até certo ponto, a insuflação de idéias contra o elemento japonês, durante a guerra, através de todos os meios de comunicação do Brasil. No entanto, ao fazermos uma breve análise comparativa, raramente notamos acusações de cunho pessoal a outros inimigos radicados no Brasil como alemães e italianos, sobretudo nos primeiros anos do conflito.

Mai recentemente, na Literatura de Cordel de São Paulo, recolhemos três folhetos que falam de elementos japoneses. Dois deles tratam de figuras

específicas, malvistas e, no terceiro, há uma caricatura do cidadão japonês em São Paulo.

No folheto *A Light deu a luz e o Brasil pagou o parto*, de Rafael de Carvalho (17.5.1979), não há nenhuma referência à colônia japonesa, mas se coloca a pessoa de um ministro nissei junto com outros, considerados corruptos e maus brasileiros, por ocasião da compra da *Light*:

Ueki, Barbalho, Galloti,
Galloti, Barbalho, Ueki,
É um jogo de palavras
Muito safado e moleque!
— A dança dos vendilhões
Tem muito salamaleque!

.....

Um *sujo eco* se ouvia!...
— É a voz da traição que fala!
Traição na compra da Light,
E na ajuda a Lutfalla,
Que com dinheiro do povo
Salva Maluf e Atalla.

.....

Shigeaki foi machão,
Truculento e arbitrário.
Fez o povo brasileiro
De credor quirografário,
Pois tal contrato de compra
Só tem valor acionário.

A acusação em si pode parecer inócua, mas é preciso lembrar-se que o ex-ministro era chamado comumente de “japonês”.

Um outro livreto, de autoria anônima, publicado em junho de 1976, chama-se *Impressões de uma viagem ou História de uma dupla infernal*. Trata de uma viagem de oftalmologistas brasileiros a um congresso em Barcelona, sendo ludibriados por dois guias de turismo, uma mulher gorda e:

Aliado a Mobidick
tinha ainda outro senhor
pequeno, feio, esquisito,
mentiroso, enganador
com aspecto de japonês
recebeu por sua vez
o apelido de Doutor.

Não nos preocupamos aqui em verificar a idoneidade do personagem envolvido mas é sistemática a ligação dos adjetivos que precedem o substantivo “japonês”, no verso.

A obra que mais caracterizou o elemento japonês em São Paulo, no entanto, foi o livreto de Franklin Maxado *O Japonês que ficou roxo pela mulata*, de outubro de 1976. Na caracterização do personagem, temos:

.....

Fukimoto era um
Paulistano japonês
do bairro da Liberdade
sem ter pinta de burguês
Negociante de nome
Faturando todo mês

.....

Morava na própria loja
Prá mais economizar
Era o primeiro a abrir
Sua casa no lugar
Não saía nem prá comer
E o último a fechar.

Aconselhado por outros negociantes do lugar a procurar uma companheira, Fukimoto acaba seguindo o conselho de um português e se encanta por uma mulata. Há alguns sinais evidentes de aculturação, como quando ele se declara:

Disse que: — Japon queria
ter ela como mulher
lhe dava o que já tinha
E o mais ele puder
Casava ou s'amigava
Porque não dava mais pé.

A seguir, há uma grande briga entre Fukimoto e o namorado da crioula. O japonês perde a luta, apesar de seus conhecimentos de karatê, e parte para a Bahia a fim de se consultar em um candomblé. Lá, ele se transforma em dragão e a mulata é, posteriormente, abandonada pelo seu crioulo, com várias crianças.

A história, apesar de seu fim nebuloso, mostra ainda alguns preconceitos contra o elemento japonês como: avareza, concupiscência, credulidade. No entanto, também são ressaltadas boas qualidades como: constância ao

trabalho, honestidade e coragem. Pela primeira vez não vemos aqui uma acusação perenemente imputada ao elemento japonês. Após a luta, em que é derrotado pelo crioulo:

O Fuki foi se curar
E ficou muito cabreiro
Pensando como vingar
Daquele seu entrevero
Não ia fazer traição
Nisso não é costumeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As origens das acusações partindo da Literatura Popular contra os japoneses merecem análise mais demorada e mais bem cuidada do que esta. Em todo caso, podemos afirmar que, além das diferenças étnicas e culturais, nas quais não há nada em si que mereça censura da parte do povo, há o fato de o japonês representar o agricultor bem sucedido num país de migrantes em que o êxodo rural é um dos mais acentuados do mundo. O agricultor brasileiro se ressentia da falta de apoio governamental, da oscilação de preços, da inflação etc., e vê no colono japonês, amparado, instruído agregado em cooperativas um elemento indevidamente privilegiado, já que ele, o brasileiro, é originário da terra.

O etnocentrismo, então, se revela mostrando desprezo pelas identidades raciais, pela comida, pela língua e grafia japonesas. Seria uma espécie de "dor de cotovelo" de quem sempre teve muito a perder.

Na cidade, a coisa se dá de maneira mais ou menos semelhante. Boa parte da população marginalizada, a da periferia, é de origem rural. Além disso, em redor de toda essa periferia de São Paulo, por exemplo, há um verdadeiro "cinturão verde" composto de chacareiros de origem japonesa e o homem de poucas posses, o operário subempregado se vê, assim, espremido entre os bairros da classe média e a faixa igualmente próspera de nisseis.

O ressentimento contra o Governo, quando existe, dificilmente pode ser expresso. As autoridades estão tão longe. O cidadão próspero, por outro lado, está muito mais perto. E quando este homem de posses tem características físicas orientais, a mágoa logo aflora.

Aliás, a mesma coisa acontece em Curitiba com os poloneses (os polacos) e em Porto Alegre com os italianos (os gringos). O colono nissei, embora de origens rústicas no Japão, aqui raramente deixa de ser proprietário e, à medida que vai galgando postos na sociedade, irrita pessoas que se

julgam com direito a essas posições apenas pelo fato de suas famílias estarem aqui há mais tempo (6).

Como já afirmamos, mais estudos sobre o tema poderão dar melhores esclarecimentos quanto às relações colono-japoneses com o homem do povo brasileiro. Sugerimos busca em outras manifestações populares como canções de carnaval, queima de judas, cururu etc.

NOTAS

(1) — Isso acontece, sobretudo, em centros não tradicionais de produção de livretos, como veremos mais adiante.

(2) — Lembrando Florestan Fernandes, no início de sua obra *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*, citando Ruth Benedict:

“O comportamento e as atitudes tornam-se mais articuladas no folclore que em qualquer outro traço cultural, o que faz com que ele tenda a cristalizar e a perpetuar as formas de cultura que são articuladas por seu intermédio.”

(3) — Ruth Benedict. *O crisântemo e a espada*. S. Paulo, Perspectiva, 1972. p. 69.

(4) — Entre as causas que determinam, até hoje, essa herança medieval, predominante no Nordeste, destacamos:

- A colonização inicial de portugueses com espírito medieval;
- Costumes de transmissão oral diretamente implantados no Nordeste;
- O papel da Igreja Católica com todo o seu sistema de comunicação oral;
- a música gregoriana. Eminentemente de cunho medieval, esta estrutura musical possibilitou a perpetuação de cantorias populares medievais;
- a não influência de imigrantes europeus no Nordeste;
- o isolamento cultural em que permaneceu, sobretudo a população nordestina do interior, perpetuando o analfabetismo até, praticamente, os nossos dias. Por consequência predomínio de sistemas orais de comunicação e, na literatura, preferência pela expressão poética.

(5) — É interessante fazermos aqui uma pequena comparação entre o cordel paraense e o “corrido” mexicano. Na obra de Vicent T. Mendonza, *El corrido mexicano*, aparece um poema intitulado “*Dela traición japonesa*”. Pelo conteúdo, nota-se que se trata apenas de uma recompilação de assuntos vinculados pela imprensa da época. Não há como nos exemplos paraenses, nenhuma demonstração de conhecimento verdadeiro do elemento japonês. Como exemplo, vejamos o fim do poema.

Hundieron a muchos barcos
mataron a mucha gente;
mas no podrían los cobardes
dominar a los valientes.
De la traición japonesa
aquí de acaba el corrido;
no se dejen engañar,
no los agarren dormidos.

(6) — Como mais um exemplo de aculturação do elemento japonês no Brasil, citamos o fato de um nissei escrevendo folheto de cordel. É um fato inédito, já que a quase totalidade da Literatura de Cordel no Brasil é escrita por poetas nordestinos ou seus descendentes. Trata-se de Carlos Takaoka, filho de conhecido pintor, que apresentou o livreto *Marco Aurélio Ribeiro na Luta dos Operários* (candidato a Dep. Estadual pelo MDB nas últimas eleições de 1978). É uma obra muito corajosa, levando-se em consideração a época em que foi escrita e, provavelmente, por isso mesmo, ele usou o pseudônimo de P. Gradaos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- LUYTEN, Joseph M. *A literatura de cordel em São Paulo: Saudosismo e agressividade*. São Paulo, Loyola, 1981.
- LUYTEN, Joseph M. A literatura de cordel como veículo de comunicação das populações marginais da cidade de São Paulo in: MELO, José Marques de. *Comunicações e Classes Subalternas*. São Paulo, Cortez, 1980.
- MAXADO, Franklin. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro, Codecri, 1980.
- MENDOZA, Vicente T. *El corrido mexicano*. México, Fondo de Cultura Económica, 1974.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro*. Petrópolis/, Vozes, São Paulo/Edusp, 1973.
- SAITO, Hiroshi (org.) *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo, T.A. Queiroz Edusp, 1980.
- SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. *Revista Brasileira de Cultura*. III (9):87-93. Rio, jul-set 1971.